

## O JORNAL ESCOLAR COMO PRÁTICA COMUNICACIONAL E DE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS NA ESCOLA PÚBLICA

## THE SCHOOL NEWSPAPER AS A COMMUNICATIONAL PRACTICE AND MULTIPLE LITERACIES IN PUBLIC EDUCATION

## EL PERIÓDICO ESCOLAR COMO PRÁCTICA COMUNICACIONAL Y DE MULTIALFABETIZACIONES EM LA ESCUELA PÚBLICA

**Priscilla Gomes Guilles Mattos**

Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rede Municipal de São Gonçalo e Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: priscillaguilles@yahoo.com.br

### RESUMO

Este artigo analisa o jornal escolar como prática comunicacional e de letramentos múltiplos no contexto da escola pública. A pesquisa nasce da experiência cotidiana de uma professora-pesquisadora que, em diálogo com as crianças, constrói um espaço de autoria, escuta e produção coletiva de sentidos. Inspirada nas concepções de linguagem como prática social, que compreendem a leitura e a escrita vinculadas às experiências concretas dos sujeitos (Soares, 2004), e na ideia de leitura de mundo como fundamento para a leitura da palavra (Freire, 1989), o jornal, em suas versões impressa e digital, constitui-se como dispositivo pedagógico que amplia repertórios discursivos e promove o pertencimento. Apoiar-se também na perspectiva dos multiletramentos, que reconhece a circulação de diversos modos de significação no cotidiano escolar (Rojo, 2012), e na defesa da escola como espaço de criação e resistência no território (Tavares, 2015). A investigação possui abordagem qualitativa, com inspiração etnográfica, fundamentada na observação participante, no registro sistemático das interações e na análise das produções textuais e imagéticas das crianças, compreendidas como narrativas de si e do mundo. Os resultados indicam que o jornal escolar fortalece a autoria infantil, valoriza saberes culturais e promove processos de participação e cidadania, afirmando as crianças como sujeitos que interpretam, narram e transformam o cotidiano. Conclui-se que o jornal escolar, ao articular comunicação, letramento e vida social, configura-se como prática educativa significativa no cotidiano da escola pública.

**Palavras-chave:** Comunicação Educativa. Escola Pública. Inclusão. Jornal Escolar. Letramentos Múltiplos.

### ABSTRACT

This article analyzes the school newspaper as a communicational practice and as a space for multiple literacies in the context of public education. The research emerges from the everyday experience of a teacher-researcher who, in dialogue with children, constructs a space of authorship, listening, and collective production of meaning. Inspired by conceptions of language as a social practice, in which reading and writing are linked to the lived experiences of subjects

(Soares, 2004), and by the idea that reading the world precedes the reading of the word (Freire, 1989), the school newspaper, in both print and digital formats, is understood as a pedagogical device that expands children's discursive repertoires and promotes belonging. The study is also grounded in the perspective of multiliteracies, which recognizes the circulation of diverse modes of meaning-making in school contexts (Rojo, 2012), and in the understanding of the school as a space for creation and resistance within the territory (Tavares, 2015). The investigation follows a qualitative approach with ethnographic inspiration, based on participant observation, systematic recording of interactions, and analysis of children's textual and visual productions, understood as narratives of self and world. The results indicate that the school newspaper strengthens children's authorship, values cultural knowledge, and promotes processes of participation and citizenship, affirming children as subjects who interpret, narrate, and transform their everyday lives. It is concluded that the school newspaper, by articulating communication, literacy, and social life, constitutes a meaningful educational practice in the context of public schools.

**Keywords:** Educational Communication. Public School. Inclusion. School Newspaper. Multiliteracies.

## RESUMEN

Este artículo analiza el periódico escolar como práctica comunicacional y como espacio de multialfabetizaciones en el contexto de la escuela pública. La investigación surge de la experiencia cotidiana de una profesora-investigadora que, en diálogo con las niñas y los niños, construye un espacio de autoría, escucha y producción colectiva de sentidos. Inspirado en las concepciones del lenguaje como práctica social, en las cuales la lectura y la escritura se articulan con las experiencias vividas por los sujetos (Soares, 2004), y en la idea de que la lectura del mundo precede a la lectura de la palabra (Freire, 1989), el periódico escolar, tanto en su versión impresa como digital, se configura como un dispositivo pedagógico que amplía repertorios discursivos y promueve el sentido de pertenencia. El estudio también se sustenta en la perspectiva de las multialfabetizaciones, que reconoce la circulación de diversos modos de significación en el espacio escolar (Rojo, 2012), y en la comprensión de la escuela como espacio de creación y resistencia en el territorio (Tavares, 2015). La investigación adopta un enfoque cualitativo con inspiración etnográfica, basada en la observación participante, el registro sistemático de las interacciones y el análisis de las producciones textuales e imagéticas de las niñas y los niños, comprendidas como narrativas de sí y del mundo. Los resultados indican que el periódico escolar fortalece la autoría infantil, valora los saberes culturales y promueve procesos de participación y ciudadanía, afirmando a las niñas y a los niños como sujetos que interpretan, narran y transforman su cotidiano. Se concluye que el periódico escolar, al articular comunicación, alfabetización y vida social, se constituye como una práctica educativa significativa en la escuela pública.

**Palabras-clave:** Comunicación Educativa. Escuela Pública. Inclusión. Periódico Escolar. Multialfabetizaciones.

## 1 INTRODUÇÃO

O jornal escolar tem se revelado uma prática pedagógica potente para a articulação entre comunicação, autoria e aprendizagem no contexto da escola pública. Em um cenário marcado por desafios estruturais, desigualdades e experiências diversas de escolarização, essa proposta emerge como possibilidade de fortalecer o diálogo entre professores e estudantes e de transformar o espaço escolar em território de produção de sentidos.

A experiência que fundamenta este estudo nasce do cotidiano de uma professora que, ao observar as dificuldades e os silenciamentos presentes nas práticas de leitura e escrita, buscou criar um dispositivo pedagógico que permitisse às crianças se reconhecerem como autoras de suas próprias narrativas. Assim, o jornal escolar foi sendo construído de forma coletiva, em diálogo com os alunos, a partir de temas que atravessam suas vivências, seus afetos e seus modos de ver o mundo.

O projeto se configura como prática comunicacional, ao permitir que as crianças produzam textos, entrevistas, reportagens e imagens, e como prática de letramento múltiplo, por mobilizar diferentes linguagens e mídias. Em sua versão impressa e digital, o jornal amplia o acesso à leitura e à escrita, promove o uso pedagógico das tecnologias e contribui para o exercício da cidadania no ambiente escolar. Com o intuito de ampliar a circulação e fortalecer a participação da comunidade, o jornal passou a contar com um site próprio, disponível em [www.nossavozlvg.com.br](http://www.nossavozlvg.com.br) e com um aplicativo gratuito que pode ser baixado na Google Play e utilizado por estudantes, famílias e demais interessados, favorecendo a continuidade da experiência para além do espaço físico da escola.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o jornal escolar como prática comunicacional e de letramentos múltiplos, compreendendo de que modo ele favorece a autoria, o pertencimento e o engajamento das crianças no processo

educativo. Parte-se do pressuposto de que o trabalho com o jornal pode ressignificar as práticas de alfabetização e de ensino da língua, tornando a aprendizagem mais significativa e vinculada à realidade dos estudantes.

O estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa, inspirada na pesquisa etnográfica, e fundamenta-se em autores que discutem o papel social da linguagem, a mediação cultural e as práticas comunicacionais na educação. Nesse sentido, busca-se compreender o jornal escolar não apenas como um produto, mas como um processo educativo em que o diálogo, a escuta e a autoria são dimensões centrais da formação humana.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A reflexão sobre o jornal escolar como prática comunicacional e de letramentos múltiplos insere-se em um campo teórico que compreende a educação como processo de diálogo, de escuta e de produção de sentidos. A comunicação, nesse contexto, é entendida como um ato educativo que ultrapassa a simples transmissão de informações e se constitui como mediação entre sujeitos, saberes e culturas.

Paulo Freire (1987, 1996) compreende a educação como prática da liberdade e a palavra como gesto político e transformador. Ao defender o diálogo como essência do ato educativo, Freire aponta para a necessidade de reconhecer o aluno como sujeito da própria aprendizagem, capaz de produzir conhecimento a partir de sua leitura do mundo. Essa perspectiva sustenta a proposta do jornal escolar como espaço de fala, de autoria e de construção coletiva de sentidos, pois nele o estudante não apenas aprende sobre a linguagem, mas aprende com a linguagem, produzindo textos que expressam seu modo de ver e viver a realidade.

A noção de autoria é central nessa discussão. Bakhtin (1992) e Certeau (1994) compreendem a linguagem como prática social, em que cada sujeito se apropria das vozes sociais e culturais para elaborar seu próprio dizer. O jornal escolar, nesse sentido, pode ser visto como território de autoria compartilhada, em que as crianças assumem o papel de produtoras de discursos e narrativas sobre si, sobre o outro e sobre o lugar que habitam.

Para Bakhtin (1992, p. 113), compreender a palavra do outro é sempre um ato ativo, que envolve resposta, posicionamento e criação:

A palavra do outro não é apenas percebida e assimilada, mas torna-se também, para aquele que a recebe, um ponto de partida para uma nova enunciação. O sujeito, ao entrar em contato com o discurso alheio, o reinterpreta, o reorganiza e o reinscreve no seu próprio horizonte de sentidos.

Essa perspectiva permite compreender o jornal escolar como espaço de enunciação coletiva, onde a palavra circula, se transforma e se renova continuamente, refletindo os modos como as crianças se veem e significam o mundo.

A perspectiva dos letramentos múltiplos, conforme propõe Rojo (2012), amplia o conceito de alfabetização para além do domínio técnico da escrita, reconhecendo as diferentes práticas de linguagem que circulam na vida cotidiana, nas mídias e nas culturas locais. O jornal escolar mobiliza essa multiplicidade de linguagens, pois articula textos verbais, imagens, ilustrações e recursos digitais. Assim, contribui para formar leitores e produtores de textos capazes de transitar por diferentes contextos comunicativos e de compreender criticamente as relações entre linguagem, poder e cultura.

Os estudos de Maria Tereza Goudard Tavares (2019) sobre território e direito à cidade oferecem uma base para compreender o jornal como instrumento de apropriação simbólica do espaço. Ao tratar a cidade como espaço educativo, Tavares destaca que a escola pública é também um lugar de pertencimento e de resistência, onde se constroem saberes vinculados à experiência e à memória coletiva. O jornal escolar, ao registrar e divulgar as vivências das crianças, torna-se um meio de valorização do território e de reconhecimento da escola como parte integrante da cidade e de sua história social.

A cidade é um território de aprendizagens e disputas, onde se produzem diferentes modos de educar e de viver. O direito à cidade implica reconhecer o valor das práticas cotidianas e das experiências locais como formas legítimas de produção de conhecimento. A escola, inserida nesse contexto, torna-se espaço de encontro entre o saber instituído e o saber vivido, abrindo-se à diversidade das vozes que a compõem (TAVARES, 2019, p. 85).

O jornal escolar, ao registrar e divulgar as vivências das crianças, torna-se um meio de valorização do território e de reconhecimento da escola como parte integrante da cidade e de sua história social.

A inclusão e o interculturalismo, abordados por Candau (2016) e hooks (2019), reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que acolham as diferenças e promovam a participação de todos os sujeitos no processo educativo. O jornal escolar, ao reunir vozes diversas e permitir que cada criança fale de si e do seu entorno, materializa uma pedagogia intercultural que rompe com o silêncio imposto pela desigualdade e pela exclusão.

Por fim, os estudos sobre comunicação educativa e tecnologias digitais, como os de Kenski (2012) e Coscarelli (2020), ajudam a compreender o potencial do jornal em sua dimensão digital. O uso pedagógico das mídias amplia o alcance das produções, permite o diálogo com outras comunidades e contribui para a formação de leitores críticos e produtores de informação em um mundo cada vez mais mediado por tecnologias, visto que:

As tecnologias não são neutras. Elas integram os modos de pensar, de agir e de aprender dos sujeitos contemporâneos. Quando incorporadas ao cotidiano escolar, podem redefinir práticas pedagógicas, promover novas linguagens e transformar a comunicação entre professores e alunos. O desafio está em compreender as tecnologias como aliadas do processo educativo, e não como substitutas das relações humanas que sustentam a aprendizagem (KENSKI, 2012, p. 45).

Dessa forma, o referencial teórico que sustenta esta pesquisa articula as dimensões da comunicação, do letramento e da inclusão, compreendendo o jornal escolar como prática educativa que une palavra e experiência, escrita e território, conhecimento e emancipação.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida sob uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, por compreender que o cotidiano da escola pública é um campo fértil de investigação e de produção de sentidos. Essa escolha metodológica se fundamenta na ideia de que compreender o processo educativo exige aproximação,

convivência e diálogo com os sujeitos e os contextos em que as práticas se constroem.

A etnografia, conforme propõe Geertz (1989), permite a interpretação das ações humanas a partir do significado que os sujeitos lhes atribuem. O autor defende a “descrição densa” como modo de compreender a cultura não apenas pelos comportamentos observáveis, mas pelos sentidos que os produzem e sustentam. No campo educacional, essa perspectiva implica olhar a escola não como objeto de estudo, mas como universo simbólico em que se constroem formas próprias de viver, aprender e ensinar. Assim, a pesquisa não busca generalizações, mas interpretações que revelem a complexidade do cotidiano escolar e das relações que o constituem.

Inspirada nas contribuições de Marli André (1995), a investigação assume o compromisso de valorizar o olhar participante e reflexivo da professora-pesquisadora, reconhecendo que o pesquisador não está fora do campo, mas nele inserido e implicado. A autora enfatiza que a etnografia na educação deve privilegiar a escuta e a observação das práticas, das interações e das narrativas que emergem no ambiente escolar, compreendendo-as como manifestações culturais e pedagógicas. Essa perspectiva é fundamental para um estudo que nasce da prática e retorna a ela, reafirmando o diálogo entre teoria e experiência como eixo da produção de conhecimento.

O campo da pesquisa é uma escola pública, que está localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, concebida como espaço educativo e cultural, onde se entrelaçam diferentes histórias e modos de viver a aprendizagem. O cotidiano da sala de aula e da comunidade escolar constitui o território simbólico em que o jornal escolar é construído. Os sujeitos da pesquisa são crianças do 4º ano do Ensino Fundamental e a professora-pesquisadora, participantes de um processo coletivo de autoria e expressão. A pesquisa se faz com as crianças, e não sobre elas, reconhecendo nelas sujeitos de linguagem, de direito e de criação.

O jornal escolar é desenvolvido ao longo do ano letivo, em encontros semanais voltados à produção coletiva de textos, entrevistas, ilustrações e reportagens. O processo envolve etapas de planejamento, escrita, revisão e

diagramação, realizadas de forma colaborativa entre professora e alunos. As edições são compartilhadas com a comunidade escolar em formatos impresso e digital, ampliando o alcance das vozes infantis e fortalecendo o diálogo entre a escola e seu entorno. Essa dinâmica favorece o exercício da autoria, da escuta e da leitura como práticas sociais e comunicativas.

Como instrumento de produção de dados, foram utilizados os textos e as imagens produzidas pelas crianças para o jornal. Esses materiais possibilitam compreender os sentidos atribuídos pelas crianças às suas próprias produções e ao espaço da escola.

A análise dos dados se desenvolve de forma interpretativa, à luz das categorias emergentes do campo e das reflexões teóricas. O foco recai sobre as relações estabelecidas, as vozes que se cruzam e os significados que se constroem no processo de produção do jornal escolar.

Todo o percurso foi orientado por princípios éticos, assegurando o anonimato e o consentimento institucional. As produções das crianças foram tratadas como manifestações legítimas de autoria e expressão, respeitando-se a integridade de suas vozes.

Dessa maneira, a metodologia adotada reafirma o compromisso com uma pesquisa situada, implicada e transformadora, em que o ato de investigar se entrelaça ao ato de educar, e o cotidiano da escola se torna fonte e fundamento do conhecimento.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados apresentados nesta pesquisa emergem das produções textuais e imagéticas das crianças participantes do jornal escolar, compreendidas como expressões de autoria, reflexão e pertencimento. As edições do jornal, em formato impresso e digital, tornaram-se espaço de circulação de sentidos sobre o cotidiano escolar e as relações que o compõem. A análise que segue se organiza em três dimensões interdependentes, comunicacional, formativa e tecnológica, que dialogam entre si e evidenciam o jornal como prática comunicacional e educativa na escola pública.



dentro da escola. O texto é compreendido aqui não apenas como produto final, mas como prática social, situada no cotidiano escolar e construída coletivamente. Em consonância com Freire (1996), a comunicação se estabelece como um ato de diálogo e responsabilidade, no qual educandos e educadores se tornam sujeitos de um mesmo processo de leitura e escrita do mundo.

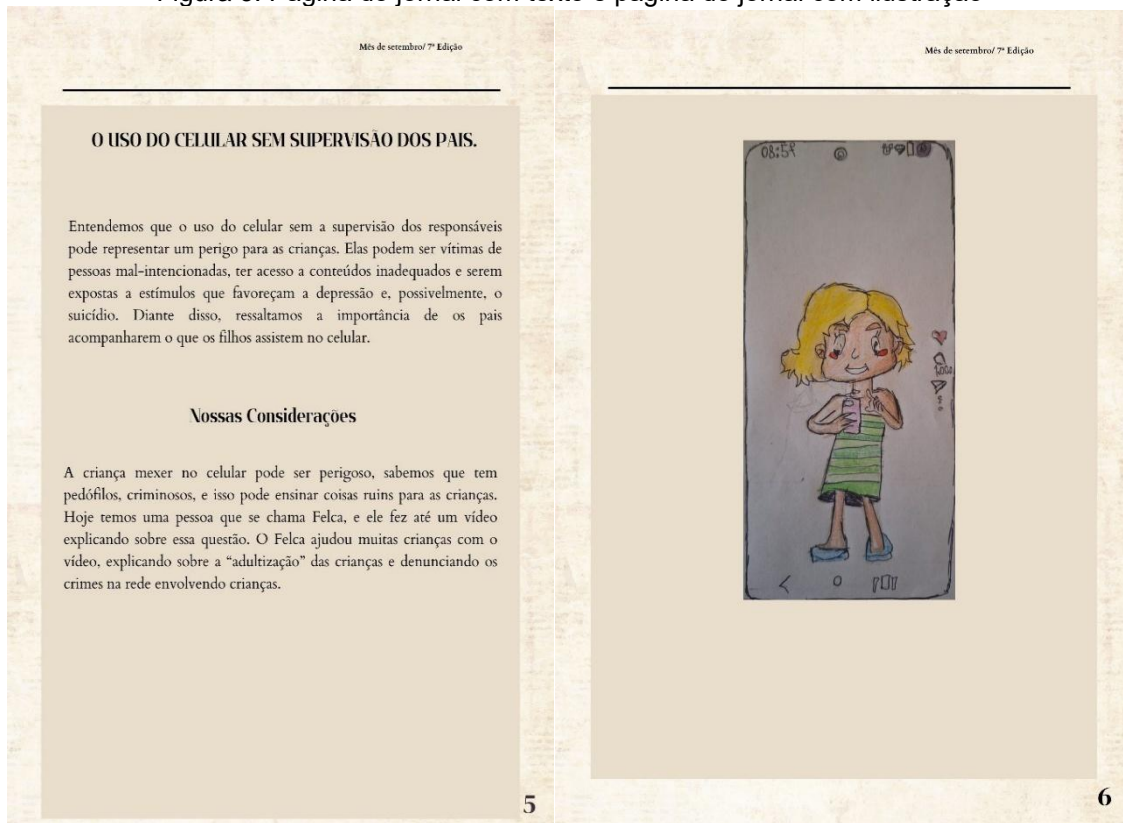
Nas produções, as crianças expressam preocupações com o cuidado dos espaços escolares e com a valorização do patrimônio público, demonstrando consciência sobre o uso comum dos bens coletivos. Essa autoria compartilhada confere ao texto um caráter de denúncia e proposição: elas reivindicam uma escola bem cuidada, mas também se colocam como responsáveis por preservá-la. O jornal, nesse sentido, torna-se meio de enunciação de uma ética e de uma estética da escuta.

Ao abordarem o pertencimento escolar, as crianças escrevem sobre o sentimento de fazerem parte de um lugar que ultrapassa as paredes da sala de aula. Essa reflexão remete à ideia de *educabilidade do território* (Tavares, 2019), em que o espaço da escola é entendido como um território educativo, tecido pelas experiências de quem o habita. Certeau (1994) ajuda a compreender essa produção como uma tática cotidiana: ao escrever e ilustrar, os alunos reinventam o espaço e inscrevem nele sua própria narrativa.

As ilustrações associadas às matérias reforçam a dimensão comunicacional do jornal. As crianças escolheram lugares significativos da escola, o pátio, a sala de leitura e os descreveram com afeto, reconhecendo neles memórias, convivências e aprendizagens. As imagens, ao lado dos textos, materializam o vínculo entre linguagem verbal e visual, ampliando o alcance expressivo e cognitivo das produções (Rojo, 2012).

## 4.2 Dimensão Formativa: Autoria, Cuidado e Aprendizagem Significativa

Figura 3. Página do jornal com texto e página do jornal com ilustração



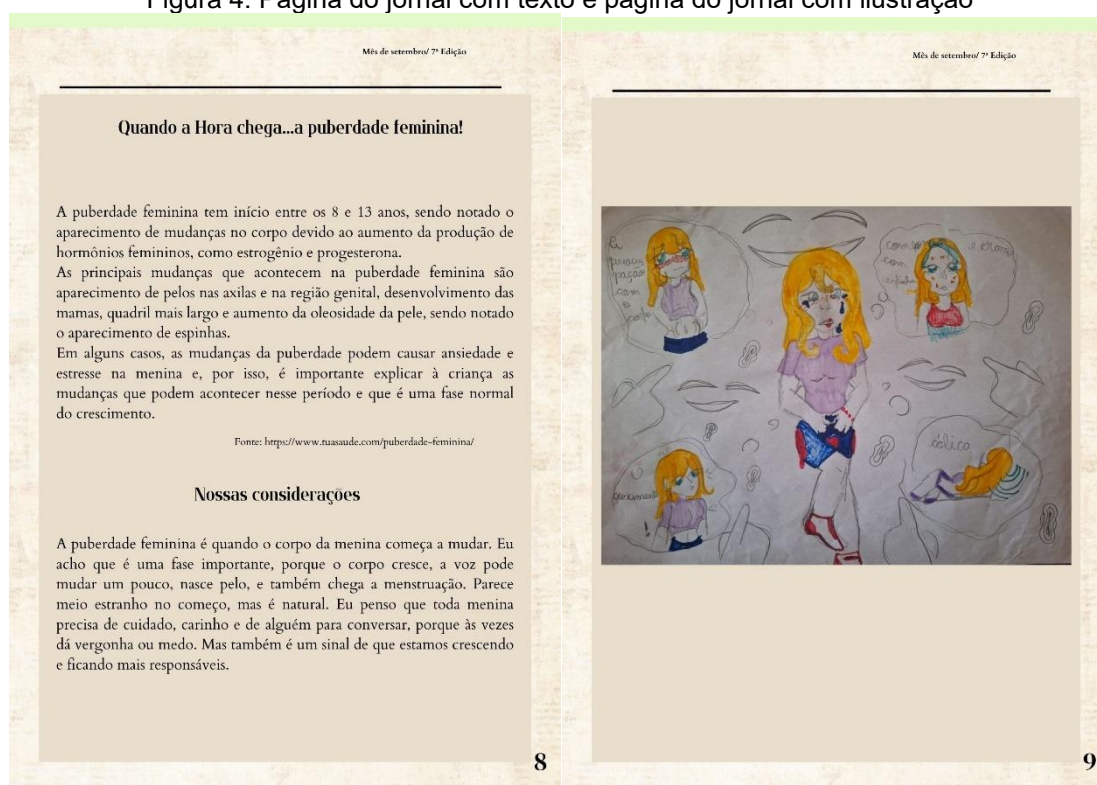
Fonte: Elaborada pela autora.

As produções que tratam do uso do celular e da puberdade feminina ampliam a compreensão da escrita como gesto de formação. Nessas matérias, as crianças exercitam a autoria ao abordar temas que atravessam seu cotidiano e provocam reflexões éticas, afetivas e sociais. O processo de escrever e ilustrar não se limita à reprodução de conteúdos, mas se configura como experiência formadora e dialógica.

Ao problematizarem o uso do celular sem supervisão, as crianças revelam uma consciência crítica em relação à exposição e aos riscos presentes no ambiente digital. Essa preocupação, expressa por meio da linguagem escrita e visual, demonstra como a prática comunicacional do jornal pode contribuir para o desenvolvimento de letramentos digitais críticos, nos quais se aprende a ler e produzir textos em meio às tecnologias e às redes (Rojo, 2012; Kenski, 2012).

A ilustração que acompanha a matéria retrata uma criança com o celular nas mãos, cercada por ícones e símbolos do ambiente virtual. Essa composição imagética, ao mesmo tempo simples e potente, revela uma percepção infantil sobre a presença da tecnologia na vida cotidiana. A produção dialoga com a ideia de Freire (1987), segundo a qual educar é um ato político e comunicativo que implica aprender a pensar criticamente sobre o mundo, inclusive o digital.

Figura 4. Página do jornal com texto e página do jornal com ilustração



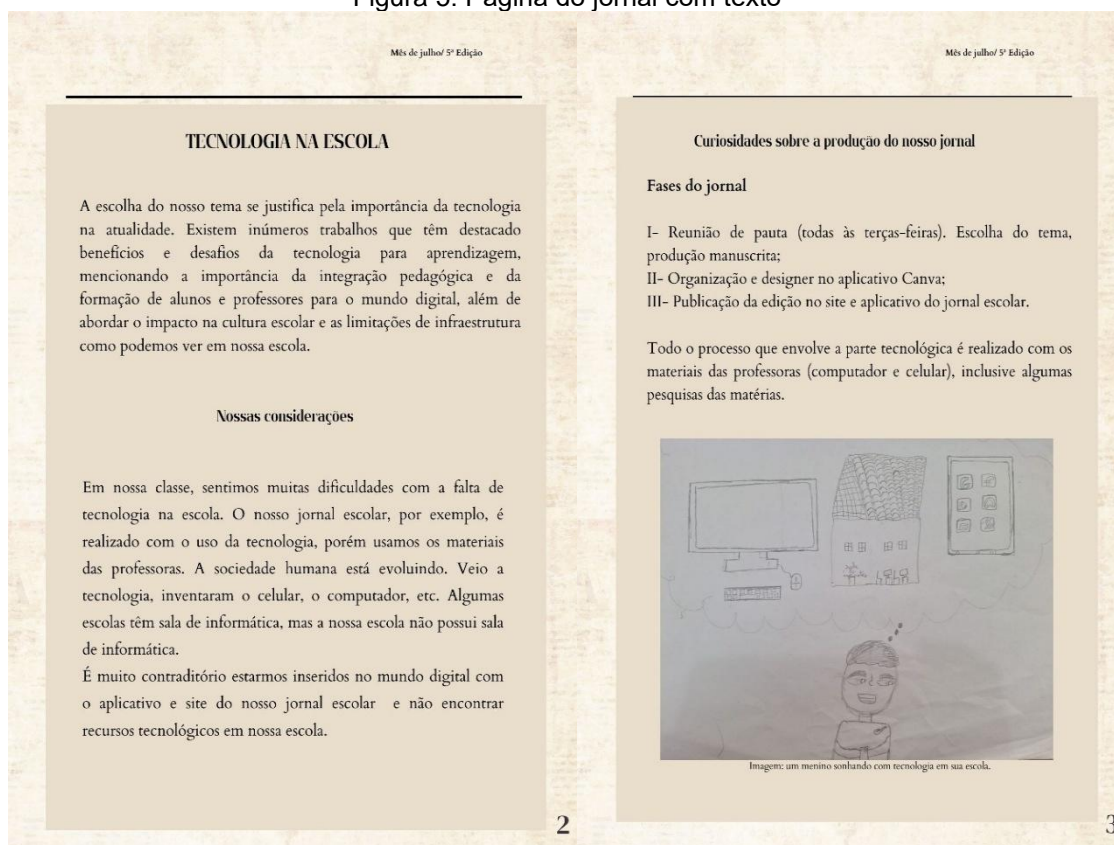
Fonte: Elaborada pela autora.

Já o texto e a imagem que abordam a puberdade feminina revelam uma dimensão formativa ainda mais sensível. Ao tratarem das transformações do corpo e dos sentimentos que acompanham essa fase, as meninas expressam o desejo de compreender o próprio crescimento e de falar sobre temas que, muitas vezes, permanecem silenciados no contexto escolar. Esse movimento de expressão e partilha de experiências reafirma a importância do diálogo, do acolhimento e da escuta, princípios defendidos por Freire (1996) e por hooks (2019) como centrais em uma pedagogia do cuidado.

Nas produções, a escrita aparece como espaço de elaboração simbólica e de autoconhecimento. O texto e o desenho da menina que sente cólica, vergonha e curiosidade traduzem um processo de aprendizagem que é também emocional e identitário. As crianças transformam em narrativa aquilo que vivem, compreendendo o corpo como território de saberes e de pertencimento.

Essas produções mostram que a formação não se dá apenas no domínio da escrita formal, mas na capacidade de ler-se e reconhecer-se como sujeito de direito, inserido em um contexto social e afetivo. A aprendizagem significativa emerge quando o que se escreve nasce da vida e volta a ela como gesto de compreensão e transformação.

Figura 5. Página do jornal com texto



Fonte: Elaborada pela autora.

### 4.3 Dimensão Tecnológica: Letramentos Digitais e a Criação coletiva do Jornal

As matérias que tratam do uso das tecnologias na escola e do processo de produção do jornal evidenciam a potência formativa das mídias quando incorporadas de modo reflexivo e colaborativo ao cotidiano escolar. As crianças demonstram interesse em compreender como a tecnologia pode contribuir para o aprendizado e, ao mesmo tempo, expressam frustrações diante das limitações estruturais que enfrentam.

Na matéria sobre tecnologia na escola, os alunos refletem sobre o acesso restrito a equipamentos e à internet, destacando o esforço coletivo de professores e estudantes para realizar as atividades. As falas e os textos produzidos revelam uma consciência crítica sobre as desigualdades que atravessam o uso das tecnologias na educação pública. Essa percepção aproxima-se da leitura proposta por Tavares (2019), ao considerar o território como elemento determinante nas condições de aprendizagem e acesso ao conhecimento.

A análise dessa produção permite compreender o jornal como prática comunicacional que integra os letramentos digitais às dimensões social e política da escola. Quando as crianças escrevem sobre tecnologia, elas não falam apenas de ferramentas, mas das condições de acesso e das possibilidades de aprender em meio à escassez. Essa reflexão confirma o que Kenski (2012) define como o uso pedagógico das tecnologias para mediar processos de ensino e aprendizagem que envolvem criatividade, cooperação e criticidade.

O processo de elaboração das edições do jornal também foi tematizado em uma das matérias. Nela, as crianças explicam as fases de produção, desde o planejamento até a publicação, reconhecendo o trabalho coletivo como elemento essencial. Esse metarrelato sobre o próprio fazer evidencia um nível avançado de consciência das etapas de criação e circulação do jornal. A descrição das fases demonstra um exercício de autoria ampliada, em que os estudantes não apenas escrevem, mas compreendem o funcionamento do meio comunicativo que constroem.

Essas experiências revelam um modo singular de trabalhar os letramentos digitais na escola pública, em que o uso das tecnologias se combina à produção textual, ao diálogo e à invenção de estratégias diante das limitações materiais. Como aponta Certeau (1994), as táticas cotidianas de criação são formas de resistência e apropriação simbólica do espaço. Assim, as crianças, ao narrar e ilustrar seu processo de produção, inscrevem-se como autoras de um projeto coletivo que se constitui como prática comunicacional, educativa e tecnológica.

Essas produções reafirmam que o jornal escolar ultrapassa a função de instrumento pedagógico. Ele se consolida como prática social e política, na qual as crianças se tornam protagonistas da comunicação e da construção de significados. O ato de escrever sobre o que vivem e observam é também o ato de se reconhecerem como sujeitos de direito, capazes de narrar o próprio tempo e o próprio lugar.

Ao articular palavra e imagem, o jornal escolar se transforma em território de múltiplas vozes e em espaço de enunciação de identidades. As crianças, ao se verem representadas nas páginas que elas mesmas produzem, reconhecem-se como parte de uma coletividade e compreendem que sua voz tem valor e potência. Nesse sentido, o jornal se consolida como gesto de resistência pedagógica, afirmando que a educação, mesmo em meio às desigualdades, pode ser espaço de autoria, de liberdade e de esperança.

## 5 CONCLUSÃO

O percurso apresentado neste artigo reafirma que o jornal escolar é mais do que um projeto pedagógico; é uma prática comunicacional e educativa que traduz o cotidiano da escola pública em palavras, imagens e sentidos coletivos. As produções das crianças, ao mesmo tempo simples e potentes, revelam que aprender pode ser também narrar, imaginar e transformar o que se vive.

A experiência analisada evidencia que a comunicação, quando entendida como diálogo e escuta, torna-se uma forma de ensinar e aprender que valoriza a autoria e o pertencimento. O jornal escolar, nesse contexto, consolida-se como espaço de letramento múltiplo e de formação crítica, em que as crianças

experimentam a escrita e a leitura como práticas sociais, e não apenas como exercícios formais de aprendizagem.

A investigação, sustentada por uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, permitiu compreender que o jornal é também um lugar de resistência simbólica, em que as vozes infantis rompem o silêncio e passam a ocupar o espaço público da palavra. Ao escrever, desenhar e compartilhar suas experiências, as crianças constroem uma visão de mundo que integra afeto, ética e reflexão sobre o comum.

Os resultados apontam que o trabalho com o jornal escolar contribui para a ampliação dos letramentos digitais, para o fortalecimento da autoria e para a formação de sujeitos críticos, capazes de dialogar com o entorno e de produzir conhecimento a partir de suas vivências. Como defendem Freire (1996) e hooks (2019), educar é um ato político e afetivo, e o jornal se inscreve nessa perspectiva, promovendo o direito à voz e à expressão de cada estudante.

Ao unir linguagem, comunicação e cidadania, o jornal escolar reafirma a escola pública como espaço de criação, de cultura e de esperança. Em tempos de desafios sociais e educacionais, práticas como essa mostram que é possível construir aprendizagens significativas quando o conhecimento nasce do encontro entre a palavra e a vida, entre a escuta e a autoria, entre o ensinar e o sonhar.

O estudo reafirma a potência da escola pública como lugar de criação e comunicação democrática, capaz de formar sujeitos de palavra, de escuta e de ação no mundo.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. ***Etnografia da prática escolar***. Campinas: Papyrus, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. ***Estética da criação verbal***. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. ***Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos***. Porto: Porto Editora, 1994.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: entre afirmações e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: v.1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSCARELLI, Carla. **Letramentos digitais: práticas de leitura e escrita na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ERICKSON, Frederick. *Métodos qualitativos de pesquisa sobre ensino*. In.: WITTRICK, M. C. (Org.). **A pesquisa sobre o ensino**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1989. p. 159-236.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. **Educação, cidade e território: políticas públicas e práticas escolares**. Niterói: EdUFF, 2019.